Vida Louca:
As aventuras de Jeca Valente

J. Geraldo Souza

Você pode ter todo o dinheiro do mundo, mas uma coisa nunca vai ter: Um dinossauro.

Homer J. Simpson

Dedicado a todos os pensamentos insanos que uma mente criativa é capaz de compor.

.

I

JECA VALENTE E A CABANA DO MORRO

Era uma casa simples, bastante humilde no alto da serra. Rodeada por grandes montanhas do sul do estado mineiro e uma mata bastante fechada. Havia uma varanda decadente em que o vento já derrubara muitas das telhas, abrindo grandes espaços por onde passava a chuva. Lá dentro, uma cozinha suja com uma pia entupida, uma sala com um sofá velho e rasgado, uma pequena mesa de madeira e em cima uma televisão quatorze polegadas bastante castigada pelo tempo. Televisãozinha da boa de alguma marca japonesa que ainda resistia ao tempo, mesmo já tendo se passado a muito a garantia de sessenta meses. No quarto, uma cama de madeira já ruída pelos cupins e um colchão de molas todo deformado.

A pintura da casa quase já não existia e todo o madeiramento parecia querer desabar a qualquer momento junto com suas paredes e todo o resto. Ao fundo, um quintal tomado pelo mato e muitas árvores altas da encosta montanhosa, o que fazia com que o lugar fosse sempre escuro, seria o cenário perfeito para qualquer filme de terror. Alguns poucos pés de laranja quase sem folhas tentavam sobreviver ao ambiente. Não havia vizinhos, aliás o mais próximo do lugar estavam a pelo menos sete quilômetros dali.

É ali mesmo, este é o lugar. Nessa velha casa podia se encontrar naquele momento João Joaquim dos Santos e Silva Neto apelidado desde criança como Jeca Valente. O apelido lhe foi dado por sua própria mãe devido ao fato dele ter sido uma criança de muita coragem frente aos demais de sua idade e também por ter vivido boa parte de sua vida nas fazendas da família. Hoje, aos vinte e cinco anos já está acabado e caminhando vagarosamente para seu fim mesmo sendo ainda muito jovem para isso. Alí está, deitado em um tapete pra lá de sujo no chão da sala de seu casebre tendo como companhia apenas um cachorro, o cão Dum, animal já velho e cheio de inúmeras cicatrizes conseguidas em antigas brigas com outros cachorros maiores. Próximo a pata do animal estava um osso já bastante ruído, suas orelhas tão fartas quase tampavam todo o focinho do animal encolhido e com o rabo colocado entre as patas como uma forma de tentar escapar do frio que fazia.

Dum já era um cachorro já vivido, em outros tempos seria branco mas hoje toda a beleza do pelo se perdeu diante de um encardido, dando a perceber que a muito tempo ele não sabia o que era um banho, nem mesmo aos sábados. Este animalzinho já fora de uma velha senhora de posses mas perdeu-se durante uma mudança de casa e então nunca mais conseguiu reencontrar novamente sua antiga dona. Certamente nem deveria mais estar viva passados oito anos deste acontecimento. Dum então tivera uma vida nas ruas, na luta pra encontrar comida e abrigo para sobreviver e, mesmo sendo ele um legitimo canino de boa raça, reduziu sua existência a de um vira lata do mundo. Ambos deitados no chão, Jeca Valente e o cachorro, aparentemente dormindo ou simplesmente pensando na vida e em como ela teria sido se tivesse tomado outros rumos.

Na parede um velho relógio sem pilhas marcando 3 da madrugada. Era noite mas ainda não eram 3 da madrugada,

ainda não. Era noite de lua cheia e esta fazia bem seu papel, clareava bem toda a escuridão do lado de fora da casa, menos a velha encosta cheia de puro breu, chegando a fazer uma claridade mínima dentro daquele barraco escuro e Jeca Valente se quer fazia o esforço de acender alguma luz.

Na noite anterior a chuva forte castigou o lugar deixando agora um clima bastante úmido e muito frio e também fez com que aumentasse a quantidade de água do grande lago em frente a casa. Lago este onde Jeca e seu pai costumavam pescar aos finais de semana e, nestas ocasiões se abrigavam nesta velha choupana. Aquelas águas sempre davam bons peixes, era garantia de uma boa pescada a cada vez que iam ao lugar. Todo o terreno onde se encontrava a casa e boa parte do lago pertencia ao seu avô, um bom homem pobre dotado de certo timbre para os negócios chegando a conquistar aquele lugar em troca de um antigo fusca, uma leitoa e um casal de bodes que ganhara em uma rifa, naquele tempo dinheiro era dinheiro, tinha seu valor e o avô de Jeca Valente sobre aproveitar-se disso para conseguir seu pedacinho de chão. Não era grande mas agradava a toda a família.

Alguns anos depois o tal lugar foi passado adiante na família e hoje estava praticamente abandonado até a chegada de Jeca e de seu cachorro. Chegaram até aquele lugar após grande peleja caminhando pelo matagal em um caminho que parecia não ter fim, pois eram cerca de onze quilômetros desde a saída da cidade até o lugar.

A noite já se fazia longa quando começa a brotar atrás daquelas montanhas os primeiros raios de sol. Dum logo se desperta e reinicia seu trabalho em roer o osso próximo a suas patas, enquanto Jeca Valente algum tempo depois também acorda. Não fazia ideia de onde pudesse estar, não distinguia se era noite ou se era dia, se estava só ou se estava com mais